

CORPOLINGUAGEM E MOVIMENTO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO CORPORAL PARA CRIANÇAS À LUZ DA PSICANÁLISE

Nathalia Leite Gatto

Nota-se que as disciplinas ligadas ao movimento na educação infantil, tanto curriculares quanto complementares, como por exemplo, a educação física, a psicomotricidade, a dança e o teatro, utilizam-se de metodologias que se fundamentam em perspectivas desenvolvimentistas. Como professora de educação física e de ballet para crianças, minhas aulas vêm tomando uma nova forma a partir de uma fundamentação teórica embasada na psicanálise. Penso em propor, em minha dissertação de mestrado, um trabalho corporal com crianças que possa ser utilizado nas disciplinas que trabalham o corpo e o movimento.

Trabalho corporal entende-se, aqui, como propostas de atividades que podem ser utilizadas em diferentes tipos de aulas nas quais o corpo e o movimento são foco, como por exemplo, a dança, o teatro, a educação física e a psicomotricidade. De modo a investigar de que forma o corpo e o movimento são enxergados e trabalhados na Educação infantil, independente do currículo adotado, utilizou-se como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN - da Educação Infantil (1998). Os PCN são referências que foram criadas pelo *Ministério de Educação e Cultura* ao longo do período de 1995 a 1998 para cada ciclo de escolarização, incluindo a educação infantil, que é referente a creches, entidades equivalentes e pré-escolas.

Nota-se que o PCN coloca em questão a importância do movimento para a aprendizagem nos primeiros anos de escolaridade, entretanto, tendo como base teorias da psicologia cognitivista/desenvolvimentista que têm uma visão biologizante da criança. Estas concepções nos mostram que a aprendizagem e a constituição psicobiológica da criança podem ser divididas em etapas pelo tempo cronológico, pela

maturação biológica, e também por características inatas comuns às crianças em cada uma dessas etapas. Como exemplo de autor cognitivista/desenvolvimentista fortemente adotado pelos PCN, tem-se Piaget (1970; 1978), biólogo suíço cujo interesse foi o aprofundamento dos conhecimentos sobre epistemologia. A abordagem piagetiana diz respeito à aquisição da aprendizagem como produto da interação da criança com o ambiente. Para Piaget, a criança é um ser dinâmico, que a todo o momento interage com a realidade, operando ativamente, com suas estruturas lógicas já adquiridas, com os objetos do mundo, incluindo-se aí pessoas, idéias e seu próprio corpo. Dessa interação, resulta o que Piaget definiu como “tomada de consciência” de tais objetos, seja de uma operação matemática, das formas de se relacionar, ou de seu próprio corpo. A educação, o ensino/aprendizagem fundamentados no cognitivismo de Piaget, têm estas idéias como norteadoras tanto quando se trata da aquisição de conteúdos, quanto do trabalho corporal com crianças, no qual o que importa é a aquisição da consciência corporal.

Outro representante importante da abordagem cognitivista do desenvolvimento das crianças é o autor russo Lev Vygotsky (1991), que também considera, nestes processos, a função da interação com o meio. Entretanto, fundamentado no marxismo, Vygotsky acentua a função da linguagem tanto no desenvolvimento da criança, quanto de seus conhecimentos.

Um terceiro autor desenvolvimentista utilizado como referência no PCN é o psicólogo Henri Wallon (1966). Para ele, o desenvolvimento da criança se constitui através de suas condições cotidianas numa dada sociedade, cultura e época. Wallon mostra de inédito a introjeção das emoções e a importância do ato motor no desenvolvimento infantil. Segundo ele, o conjunto afetivo oferece para a constituição da pessoa as funções responsáveis pelas emoções que são sinalizadores de como o ser

humano é afetado. Tal condição de ser afetado estimula os movimentos do corpo, assim como a atividade mental.

Percebe-se, portanto, que as concepções que fundamentam o PCN, apesar de não darem atenção especial ao trabalho corporal, destacam que sua finalidade é a “tomada de consciência” do corpo, enfatizando, neste processo, o papel das funções cognitivas e lógicas, ainda que se busque este objetivo por meio de atividades lúdicas. O professor tem o papel de incentivador, é aquele que interpreta os movimentos expressos pela criança e cria atividades e trabalhos adequados ao período de desenvolvimento no qual a criança se encontra. A boa atividade seria aquela que favorece o desenvolvimento das estruturas e esquemas já virtualmente presentes de forma inata e universal na criança.

A proposta de trabalho corporal com crianças que se pretende construir, à luz da psicanálise, vem para subverter esta idéia de criança universal com características inatas a serem desenvolvidas. Ao invés de visar o desenvolvimento de algo já pré-estabelecido, porque determinado por estruturas inatas, o objetivo aqui é priorizar o corpo/linguagem, ou o corpo pulsional. Freud (1915/2006) define pulsão como sendo “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático” (FREUD, 1915/2006, p. 127). A pulsão tem características específicas como: pressão, que é sempre constante; objetivo ou finalidade que, no caso, é sempre a satisfação; o objeto, que é a característica mais variável na pulsão, podendo ser qualquer um (até mesmo o próprio corpo) e a fonte que vem do próprio corpo (FREUD, 1915/2006). Nota-se, portanto, quão próximos estão os conceitos de pulsão e corpo. O corpo pulsional é aquele que se expressa de modo imprevisível. Expressa, inclusive pelos gestos, àquilo que não pode ser dito em palavras. Gesto movido pelas pulsões, e não movimentos intencionais, conscientes, com padrões pré-fixados, delimitados por padrões universais e ideais a serem atingidos, conforme preconiza a didática sugerida pelo PCN.

O corpo da psicanálise também é corpo/linguagem, constituído pelo significante, organismo feito corpo pelo Outro que o investiu através da linguagem. A criança, mesmo antes de nascer, já está imersa na linguagem. Para Elia:

O corpo é, então, objeto de investimento do Outro, e deverá ser assumido pelo sujeito, já que, entre ambos, nenhuma relação de co-naturalidade existe: não vieram juntos (sujeito e corpo) ao mundo, não se articulam por nenhuma espécie de afinidade natural (ELIA, 1995, p. 103).

O corpo está imerso no registro do simbólico, já que é feito de linguagem, intimamente ligado à fala do Outro. E também está ligado ao real e ao imaginário. O corpo no real é um corpo não-ligado, não investido, que não é marcado pelo significante, não tendo realidade para o sujeito, já que esta realidade supõe o registro do simbólico e do imaginário. O corpo, no registro do real, é àquele impossível de simbolizar, “é aquilo que sempre volta ao mesmo lugar, ao lugar de onde o sujeito, enquanto cogita (...), não o encontra” (LACAN, 1949/1998, p.67). Já o corpo no registro do imaginário é àquele que se refere às imagens. Efeito de identificação a uma imagem, imagem imaginária de unidade ilusória e virtual constituinte do “eu-ideal”, “ideal” a ser alcançado inconscientemente. Vale elucidar que apesar da criança não ter ainda acesso à sua própria fala, é falada pelos outros, logo, ela é marcada simbolicamente pelo Outro. Sendo assim, conclui-se que o registro do imaginário não é autônomo, ele é subordinado à ordem simbólica e do real.

Nossa proposta de trabalho corporal com crianças substitui os exercícios “embutidos” em brincadeiras propostas pelo professor com objetivos de aprimoramento e desenvolvimento de valências físicas e consciência corporal, como, por exemplo, equilíbrio e coordenação motora, por um agir “livre” no espaço. Este “livre”, pautado em propostas feitas pelo professor, com regras para que haja segurança na aula. Esta

proposta permite que o pulsional da criança venha à tona. O papel do professor é de proporcionar situações facilitadoras para que isto ocorra.

De que forma? Através de seus objetivos, o professor propõe uma situação ou um cenário para as crianças, convidando-as a brincar ou desafiando-as, pontuando ou sugerindo quando achar necessário, jamais pedindo que reproduzam algum movimento. Este deve ser gerado pela “necessidade” pulsional, que emerge quando a criança se propõe algum objetivo, por exemplo, ao contar uma história, ou melhor, ao representá-la. Através desta proposta de brincadeira, as crianças terão oportunidade de criar, construir, expor e negociar, o que culminará na criação de movimentos, gestos ou palavras, ou uma combinação dos três. Assim, se abrirá a possibilidade de manifestação do pulsional, a partir da emergência da subjetividade. O corpo pulsional será veículo de expressão de sentimentos, sensações, evidenciando singularidades de cada criança, singularidades que vêm de suas histórias, num processo que, por sua vez, colabora em sua constituição enquanto sujeitos.

Cada movimento nas atividades propostas, cada gesto, não exclui uma elaboração consciente, mas, visa-se que sejam transcendidos pulsionalmente. Não se trata, por exemplo, de aprender a se equilibrar através de técnicas e métodos, e sim, desequilibrar-se, subjetivando o se equilibrar através do corpo pulsional e simbólico. Simbólico, porque o desequilibrar-se, por exemplo, pode remeter a diversos significantes relativos a cada criança.

Percebe-se que esta proposta é diferente daquela que privilegia etapas de desenvolvimento e valoriza a aprendizagem de habilidades motoras. As atividades não se pautam nos objetivos de alcançar determinados padrões de movimentos esperados para a faixa etária. O trabalho corporal com crianças, à luz da psicanálise, resgata o corpo pulsional, o corpo no registro do real, do simbólico e do imaginário descritos por

Freud e por Lacan. Padrões pré-fixados de movimento e habilidades motoras deixam lugar para a livre expressão que, certamente, inclui estes movimentos através da vivência de fantasias, brincadeiras, criações e desafios. A partir dessa “energia” (palavra a qual Freud utilizou pela primeira vez para se referir às pulsões), a criança se movimenta por pura emoção, prazer e dor e, por consequência, aprende novas habilidades e novas possibilidades de se movimentar. Esta proposta de trabalho, então, não se preocupa com um desenvolver cognitivo-corporal, mas sim como um mergulho da criança nas intensidades pulsionais que podem ter seus movimentos.

BIBLIOGRAFIA

ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1996.

FREUD, S. As pulsões e suas vicissitudes In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949) In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Parâmetros Curriculares da Educação Brasileira. Educação Infantil. Brasília, 1998.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

_____. **A epistemologia genética**. São Paulo: Pensadores, 1978.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Portugalia, 1966

SOBRE O AUTOR

Nathalia Leite Gatto. Licenciada em Educação Física (UFRJ), Professora de Ballet, Especialista em Psicomotricidade (IBMR) e Mestranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA – RJ).